

Sobre o artigo “Sem ler nem escrever até os seis”

Revista In-fan-cia, Conselho de Redação de Madri

Texto publicado na Revista In-fan-cia da Associação de Professores Rosa Sensat, número 144, Março-Abril de 2014.

Durante uma sessão de treinamento sobre Reggio Emília, ministrada por Gino Ferri em 16 de novembro de 2013, em Madri, foi feita referência a um artigo publicado há algum tempo no jornal El País, intitulado "Sem Ler nem Escrever Até os Seis Anos".

Este artigo, um estudo realizado em Cambridge, serve como pretexto para refletir sobre o avanço dos objetivos e conteúdos na educação infantil, especialmente aqueles relacionados a números e alfabetização.

O autor compila breves notas comparativas com outros sistemas educacionais (britânico, francês, alemão, finlandês etc.), fornecendo-nos alguns *insights* significativos. Por exemplo, o sistema finlandês, que consistentemente ocupa a posição mais alta no Relatório PISA da OCDE, "concentra-se na educação social, física e ética até os cinco anos de idade e, aos seis anos, dedica um ano de transição à escola".

Ao longo do artigo, reunimos as opiniões de inúmeros profissionais e especialistas em educação infantil que nos convidam a reconsiderar a conveniência de realizar esse avanço curricular, bem como de introduzir nas salas de aula da educação infantil uma metodologia (fichas/cadernos), objetivos e conteúdos, horários (com áreas e disciplinas), regulamentos e organização da escola, enfim, uma rigidez sobre como a educação infantil está se tornando uma "miniescola primária".

Todas essas decisões regulatórias e metodológicas, afirmam o artigo e os entrevistados, respondem à necessidade de elevar o nível educacional e melhorar

Núcleo de Alfabetização Humanizadora

Práticas Pedagógicas

nossos resultados, bem como à "pressão social em geral e das famílias em particular". Os especialistas, no entanto, argumentam que avançar no conteúdo não só não atinge esse objetivo de melhorar os resultados, como também pode ser contraproducente, gerando o efeito oposto e pulando etapas importantes na tentativa de "preparar" para a próxima etapa.

A partir de uma visão da criança como descobridora ativa e construtora de conhecimento, que aprende por meio da interação com adultos e colegas em diferentes contextos, que se desenvolve por meio da brincadeira, que precisa dar sentido à sua aprendizagem etc., não podemos concordar com a priorização de conteúdos relacionados à alfabetização na educação infantil.

Parece fácil para todos entender que uma criança não pode correr se ainda não consegue ficar em pé; entendemos que ela não atingiu a maturidade para executar essas habilidades motoras e respeitamos que ela as esteja adquirindo sem forçá-la. Sentimos que existem etapas anteriores, como manter-se em pé autonomamente, dar passos, etc. Isso, embora tão óbvio, é menos evidente quando falamos de aprendizagem relacionada à leitura e à escrita, pois esperamos que as crianças leiam e escrevam antes de adquirirem um desenvolvimento oral adequado, uma maturidade que lhes permita enfrentar a difícil tarefa de desenhar palavras e, claro, antes que a necessidade de querer ler e escrever nasça nelas. Ou, o que é igualmente ruim: sufocar sua iniciativa e entusiasmo, não permitindo que se expressem como se sentem naquele momento, mas sim seguindo uma ficha na qual devem escrever "pato" ou "lata", quando o que querem é dizer ao amigo que o amam muito ou que seu cachorro se chama Selva...

Nas conferências que mencionamos no início, Gino Ferri nos convidou a refletir sobre o título desse artigo. As crianças não deveriam ler e escrever até os seis anos de idade? Acreditamos que a resposta é que devemos usar metodologias consistentes e

Núcleo de Alfabetização Humanizadora

Práticas Pedagógicas

respeitosas com as crianças, oferecer-lhes materiais, deixá-las descobrir e experimentar, permitir que cresçam e abordem a alfabetização com confiança e alegria.

Se somos os profissionais, por que deveríamos nos sentir pressionados pela sociedade, pelas famílias, pelos colegas do ensino fundamental...?

Pensamos nas crianças, suas características psicoevolutivas, seus interesses e motivações, seu estilo de aprendizagem ou suas necessidades ao planejar atividades ou escolher o método a ser trabalhado durante o ano letivo? Acreditamos que somos melhores professores se garantirmos que nossas crianças "saíam lendo" nos primeiros anos da pré-escola?

Subjacente a todas essas questões está um conceito de infância e um conceito de escola sobre os quais acreditamos que devemos refletir agora mais do que nunca.

Tradução: *Suely Amaral Mello*